

# Rancor e insensibilidade

Maria Victoria Benevides

29 MAI 1996

Muito bonito. Foi preciso Sua Excelência passar pelo inferno astral da queda de popularidade nas pesquisas e a derrota na votação da reforma da Previdência para decidir não mais pecar. Ou seja, com toda a pompa e o caráterismo de que é capaz, FHC nos anuncia que não mais fará barganhas e "negócios" com deputados e lobbies variados, apontando a caneta oficial do *Diário Oficial* e fechando as burras do Tesouro... para os "ingratos e traidores", é claro! Além da implícita confissão de culpa pela costumeira adesão ao vulgar fisiologismo, que prometera acabar ao assumir a Presidência, ainda somos mimoseados com cenas de demagogia que deveriam fazer corar os brilhantes intelectuais da corte. Que história da carochinha é essa de dizer que, a partir de agora, só vai tratar com "a parte boa" do Congresso? É a banda, supostamente "podre", que lhe deu suporte financeiro na campanha milionária e ainda lhe garante o apoio político nos Estados e, principalmente, na mídia mais onipotente? Vai mesmo ficar na "geladeira"? Ora, até as pedras sabem que se trata de uma ameaça inócua, ditada pelo rancor e os floreios da diplomacia de ocasião — neste momento "para francês ver"... É impossível ser cumprida. Pois como abandonar seus principais aliados, aqueles que justamente apóiam o *único projeto nacional do governo, que é o da reeleição*? Como brigar com essas doces criaturas que, altruisticamente, "se sacrificam pelo País",

nos Paramentos e nos governos, e depois apresentam a facinorosa conta, se essa conta faz parte do jogo que o presidente não apenas aceitou, ao fazer aliança com quem fez, como ainda justificou em nome da racionalidade, da modernidade e até da globalização? E como brigar com os poderosos, se não pode mais confiar na felicidade do povo (mal agradecido!) com o frango baratinho, pois o desemprego, a violência, as carências na saúde e na moradia, o aviltamento do salário e a insegurança dos ainda empregados minam os benefícios da estabilidade do Real? A insensibilidade do presidente

parlamentarismo, e hoje são os primeiros a defender um presidencialismo imperial, com as milhares de medidas provisórias, e ainda cometem um verdadeiro ultraje aos princípios da democracia parlamentar que é asfixiar os direitos das minorias, acabando com os destaques nas votações. Resta lembrar o fato mais recente desta nova crise: a tal reforma da Previdência já nasceu tortíssima, com vários equívocos regimentais e, mais importante do que tudo, sua reapresentação, na mesma legislatura, consistiu — como provaram vários juristas, apesar da vergonha da decisão do Supremo — em flagrante

mas como a que estamos tentando realizar fere interesses ponderáveis." Em primeiro lugar, "estamos" quem? O PSDB e seu meigo aliado PFL, com Toninho Malvadeza recém-condecorado pelo governo e agora saracoteando com a comitiva presidencial em Paris? Ou apenas a "parte boa" dos tucanos e da antiga "esquerda", com a qual FHC parece querer se enturmar? Mais uma vez, apesar da reconhecida honestidade intelectual do articulista, não dá para acreditar na viabilidade de "reformas do Estado" com os aliados *que foram escolhidos pelo presidente e seus conselheiros*. Lamounier tem toda razão: se as reformas forem para valer — a começar por uma decente e efetiva reforma tributária e pelas reformas políticas tão anunciadas nos manuais tucanos — "interesses ponderáveis" serão feridos de morte. Mas como o presidente vai matar a galinha dos ovos de ouro? Pois seus aliados poderosos não querem, nunca quiseram e não quererão nunca reformar o Estado que sempre foi deles. Não é preciso ler as teses de Raymundo Faoro sobre o patrimonialismo para saber disso.

Enfim, ou o governo acorda para o gravíssimo erro de escolha política ou não terá mais conserto. Ao contrário do que dizem, ele tem os instrumentos para mudar. Resta saber se ele quer.

## OS PODEROSOS ALIADOS DO PRESIDENTE NÃO QUEREM, NUNCA QUISERAM E NÃO QUERERÃO NUNCA REFORMAR O ESTADO QUE SEMPRE FOI DELES

beira o patológico.

Como vaticina o velho ditado, "pau que nasce torto, não tem jeito, cresce torto". Vários exemplos de nossa história recente estão aí de prova. Nossa Constituição foi concebida por uma Constituinte torta, pois não era exclusiva representação do povo soberano, mas sim embrião do futuro Congresso, que legislou em causa própria. Mesmo assim foi aclamada, pelos mesmos que hoje querem violá-la com a maior desfaçatez, como a "Constituição Cidadã". Os tucanos também lutaram pela realização do plebiscito de 1993, certos da vitória do

violação da Constituição (artigo 60, parágrafo 5º).

Com tanta coisa torta, fica difícil entender os intelectuais que se ofendem com a oposição (como o filósofo Gianotti, que, apesar de ser "cupincha" do rei, ainda concede que sente, às vezes, a vontade irracional de pegar numa metralhadora e sair dando tiro por aí, pois entende o desespero dos excluídos) ou os que mantêm um otimismo acadêmico digno da monarquia suca. Nesta mesma página do *JT* o cientista político Bolívar Lamounier trata do "inferno astral" do presidente e afirma: "Uma agenda de refor-

Maria Victoria Benevides  
é professora da Faculdade de  
Educação da USP